

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

18 de Outubro de 2003 • Ano LX • N.º 1555
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Confiança

EIS um cordão umbilical das relações humanas, infelizmente tão fragilizada nestes nossos tempos que achá-la nos circuitos onde gastamos a vida é um remédio revitalizador como nenhum outro. Entre os valores sobre que Pai Américo construiu a Obra da Rua, ela é uma garantia de estabilidade provada ao longo de sete décadas. «Caiu chuva, vieram torrentes, sopraram ventos... e a construção não caiu porque estava fundada sobre a rocha». A confiança é componente desta «rocha» de que «os insensatos não cuidam, mas os prudentes sim».

Nós somos herdeiros de Pai Américo, também deste princípio de confiar, sabendo embora dos riscos de enganos que sempre surgem como acidentes de percurso, que nem por isso nos desmotivam da caminhada. Confiança activa que está na base do carácter de Pai Américo; e a confiança posta em nós, de que todos os dias recebemos sinais calorosos que nos reanimam... e nos trazem tudo do que carecemos. O *nosso* mundo, aquele com quem permutamos esta moeda essencial que é a confiança, entende bem. Percebe que o problema número um é a idade e o cansaço dos obreiros e por isso esconde os seus dons em mensagens fraternas de compreensão e encorajamento. Não assim o mundo profano dos funcionários e burocratas que farisaicamente *se afligem* com as nossas necessidades e o «modo aventureiro» com que lhes fazemos frente, insensíveis que são ao compromisso de Deus que gera e integra a nossa aventura. «É preciso pôr Deus no seu lugar» — repetiu Pai Américo em uma das últimas Festas no Coliseu do Porto em que esteve presente. E a assembleia que enchia o teatro proferiu o seu *Amen* num vibrante aplauso. É o *nosso* mundo, que nenhum Coliseu pode comportar, mas de que aqueles três mil, naquela noite, eram representantes.

Eis o nosso objectivo fundamental: Pôr Deus no seu lugar, para que os homens, todos os homens, sejam postos no seu.

Foi centelha destes pensamentos, um momento de encontro no n.º 30 da Rua dos Mártires da Liberdade aonde,

afinal, eu costumo ir pelos dons ali entregues como também na outra CASA DINA da Rua da Conceição n.º 100, a uns quarenta metros desta.

O tema foi um pacote de lençóis que alguém ali deixou, não sei já quantas vezes, recusando qualquer comprovativo pelo receio de ferir o anonimato. Verdade seja que esta pureza de intenção é arriscada em outras circunstâncias, por exemplo em nossas Casas quando se entrega ao primeiro que aparece determinado dom, ou se confia tal a qualquer João «Batatinha» que anda por aí, há vários anos, livremente, batendo às portas a pedir em nome da Casa do Gaiato, ora cobrando assinaturas do Jornal, ora vendendo bilhetes para uma Festa que vai haver... na sua imaginação de «contista do vigário». São gestos de credibilidade fácil, ingénua, que quereríamos mas não podemos controlar; todavia reflectem o eco profundo que o nome da Obra desperta em corações que a estimam e confiam nela, mas não pensam — e não podemos esquecer que o amor é uma acção da

Continua na página 3

Malanje

Primeiro emprego

Onosso grande problema é, neste momento, a integração dos nossos rapazes adultos na sociedade. O seu emprego, primeiro emprego. Não está sendo fácil.

Também pela sua fraca preparação. Alguns não tiveram tempo de fazer a sua preparação escolar, muito menos, técnica.

As empresas querem elementos que rendam.

O capital clama por capital... lógica que comanda. Lucro fácil e certo.

Onde vamos com os rapazes que mal tiveram tempo de fazer uma oitava ou nona classe? Batemos a portas. Estamos batendo. Algumas se têm aberto. Ficamos felizes e gratos para os amigos que conosco estão abraçando este problema.

Sociedade de compra e venda

QUE caminho e que meta nesta sociedade de compra e venda? Uma multidão que compra, a mesma que vende tudo o que vem de fora... Enquanto os nossos férteis campos continuam ansiosos por produzir... Todos fogem, e se refugiam no lucro fácil — mas tão pequenino! Adormecidos os campos de arroz da baixa do Luquembo e Mussolo; abandonados os planaltos malanjino e do Huambo que dariam milho para um continente; café, uma riqueza recuperável.

Pedras? São duras de mastigar e semente de imaginações doentias. Sim, o trabalho — por lei ou motivações fortes — será a alavanca certa do nosso processo e bem estar.

Temos um burro

É o nosso «Pimpão» — gordito e gingão. Todos os dias o seu zurrar estridente enche a Aldeia. Muitos nunca tinham visto um burro e querem amizade; ele, independente e filósofo, não liga a nada. Pasta onde quer, salta as sebes, à noite escolhe um canto abrigado e ali recoze seus sonhos de filósofo. Um portento este «Pimpão».

Há dias, fugiu para uma sanzala distante... Foi descoberto numa lavra de mandioca. Julgaram que era uma gazela e surgiram os canhangulos para o abater... Por sorte apareceu um salvador: «É o burro do Gaiato».

Que sorte «Pimpão»!



Aí temos a equipa de rapazes que limpam a nossa Aldeia de Paço de Sousa.

PRATICANDO O BEM

Inconsciência

A vida actual sofre terríveis contrastes emergentes do desconhecimento das circunstâncias em que vivem os mais Pobres.

A organização social é imposta por quem não sabe, não sente e não sofre o peso mais amargo da existência.

O legislador deveria conhecer sempre, de forma directa e abrangente, os destinatários das suas legais orientações. De outro modo, corre-se o risco de planearmos um país virtual afastado do autêntico.

Estava quase no fim do jantar, no meio da algazarra feliz dos rapazes, àquela hora, quando me vêm anunciar a presença de um rapazinho à minha procura.

Adivinhei, logo, o que se tratava — não era a primeira vez — e propus imediatamente levantar-me para o atender, pois sabia da sua aflição e de que era trazido por alguém carregado de tormentos.

Não sei o que, entretanto, se meteu no meu espírito com os rapazes que me arrebatou e me varreu completamente da memória a referida inquietação.

Quando saí da sala de jantar, no fim dos rapazes, dei com os olhos no expectante e arrepiei-me

por causa do meu esquecimento, da aflição dele e minha.

Trazia um recado, escrito à mão, da mãe — que lhe acudisse, pois não tinha nada em casa para comer e dar aos filhos. Que lhe mandasse também vinte euros para comprar leite para a bebé, pois suspeitava que o seu choro contínuo viesse da fome. Estivera doente e o leite do seu peito devia ter enfraquecido.

São cinco os filhos e o marido abandonou-a. Há cerca de um ano que esta conjuntura me devora.

Corri à primeira despensa e encontrei uma caixa de bolachas mandando, por um pequeno dos meus, entregá-la ao rapazinho.

Desci à grande despensa, munido de um saco de plástico preto onde pus açúcar, farinha, arroz, massa, feijão, sal, azeite, óleo, papel higiénico, etc.

Quando regresssei, carregado, de encontro ao jovem mendicante, ele tinha desaparecido. Forase embora pela escuridão da noite, no carro que o transportara.

O consolo íntimo que o avio me transmitia desvaneceu-se, como por encanto, e uma tristeza funda quis dominar-me, mas não permiti.

Chamei o Zé Luís, meu acompanhante, peguei no carro e lá vamos nós até à casa da pobre família.

A mãe estava de cama com a bebé a seu lado. Os três mais pequeninos, com as mãos cheias de bolachas, saciavam a fome, de cara anémica, cabelo desganhado e rescendendo uma beleza indescritível.

Acompanhavam-me ainda o casal que transportara o rapazinho e o haviam levado a sua casa. Gente humilde, também com seis filhos! Ele calceteiro e ela doméstica.

Confidenciaram-nos que lhes haviam dado almoço. Estavam também para os consolarem na comunhão da mesma amargura.

Faz-nos bem visitar os Pobres! É um bálsamo que nos lava a alma! Sentimo-nos mais comprometidos com a vida. Descemos à realidade e uma leveza de Luz nos inunda.

A nossa chegada, do Zé Luís e minha, aliviou-os extraordinariamente.

— *Eu já tinha dito ao meu mais velho: «O senhor abade não te dava só as bolachas»* — balbuciou a mãe no meio de expressões de ternura e de contentamento.

Eu estava atónito, nem sabia o que dizer. Parecia viver o mundo de há cinquenta anos!

Recuámos no tempo, mas algo me perturbava ferozmente. Era a televisão que exibia, no ecrã, cenas burguesas do nosso tempo.

Continua na página 3

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

melhor disposição para levar a cabo o trabalho que chamastes a vós, com muitas bênçãos do nosso Bom Deus».

Porto, assinante 14493, cheque de 75 euros. «Como os tempos estão difíceis para todos e muito mais para quem tanto dispense com os que sofrem, seria melhor eu ser notificada só pel' O GAIATO de que receberam a pequena ajuda que mensalmente — e enquanto Deus quiser — envio para os que mais sofrem e necessitam. Enfim; precisamos de juntar migalhas para que o pouco seja maior».

Assinante 54726, do Porto, afirma logo de entrada, em sua carta, que «fazendo da leitura d' O GAIATO a minha meditação, tirei o propósito de enviar para os vossos Pobres da Conferência uma pequenina 'gota' para a ajuda, se acharem por bem, da conta da farmácia de duas famílias referidas no vosso Jornal. Não podemos ficar insensíveis aos problemas dos mais carenciados. Desculpem a insignificância, mas é dada de todo o coração».

De Perosinho (V. N. Gaia), setenta e cinco euros, por cheque, «uma pequenina ajuda do assinante 9790» (que por aqui aparece há muitos anos). E disse mais: «Ficarei grato por uma Oração às almas das nossas obrigações».

Um cheque de 200 euros, da assinante 57002, da Senhora da Hora: «Pequena oferta dos meses de Agosto e Setembro, para os vossos Pobres. Vai muito atrasada, mas é dada com muito carinho pelos vossos irmãos mais carenciados. Que esta pequena migalha possa contribuir para minorar as dificuldades de uma família mais necessitada. Peço uma oração pela alma de meu marido e, também, por uma intenção particular».

Cinquenta euros, da assinante 28923, de Cascais, para «medicamentos dos vossos Pobres». Minha senhora, só no mês de Setembro foram mais de trezentos euros!

Pequena oferta, 50 euros, da assinante 51427, de Oliveira de Azeméis, «para ajuda de medicamentos», também.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — O ano lectivo passado foi abundante em visitas escolares.

Entre as que mais apreciámos, destacou-se a dos alunos e alunas da Escola Clara de Resende, do Porto, que após terem confraternizado com os rapazes nos enviaram livros e material escolar. Jamais esquecemos estes jovens amigos, bem como os seus professores. Bom aproveitamento e que voltem de novo!

VINDIMAS — Estão a correr bem. Este ano há mais uvas

do que no ano passado. Todos nós esperamos que o vinho seja de boa qualidade.

FUGITIVOS — Foram apanhados pela Polícia Marítima. No dia seguinte ao seu regresso, fugiram outra vez! Mas um ficou, o Márcio.

RAMPAS — Estão a ficar cada vez mais bonitas. Também com a ajuda do Neca que cortou as sebes e arranja os jardins.

OBRAS — Temos andado a construir uma vacaria nova para as vacas terem mais espaço e estarem à vontade.

Luís («Carocha»)

DESPORTO — Tem pouco mais que 10 anos, mas parece ser a revelação deste ano. Dá pelo nome de André «Españhol», é natural do país vizinho, mas não sabe de que localidade. No entanto, não tem deixado os seus créditos por mãos alheias, na equipa dos Infantis. É daqueles miúdos que todos gostam de ver jogar, pois, não baixa os braços quando perde a bola. Chega ao fim do treino, completamente exausto, mas cheio de alegria e bem disposto, pelo facto de ter cumprido a sua missão. O Pedro e o «Lipe», também são novos nestas andanças e tudo têm feito para não ficarem atrás dele ou de quem quer que seja. Oxalá não se deixem influenciar pelos menos cumpridores... e quando a chuva começar a cair, não se deixem seduzir pela televisão.

Quem continua em boa forma, neste começo de época, são: o «Bolinhas», o Abílio, o Ricardo Filipe e o Ricardo Sérgio. Já não podemos dizer o mesmo de outros, que continuam com a velha mania de que quando falham, a culpa nunca é deles, mas do seu colega de equipa ou do sistema... Ninguém tem lugar cativo! Quando não jogar o «Zé», joga o «Manel», e quando o «Manel» não puder, joga o «António». O que é preciso, é vontade de colaborar e de jogar para vencer, mas vencer com humildade e com inteligência. Assim como quando se perde, é bom que haja desportivismo e sejamos capazes de entender, que se não ganhámos, é porque o adversário foi melhor do que nós. Pode parecer que não, mas há sempre onze. Onze que têm prazer e orgulho de envergar a camisola que nos distingue de todos os outros: a do Gaiato!

Os Seniores realizaram o segundo jogo da época com o F. C. dos Barreiros, com quem perderam. Não estão a ter um começo feliz. No entanto, tudo indica estarem a subir de forma e com o andar dos tempos tudo ficará no seu devido lugar.

É preciso não esquecer de que este ano a equipa sofreu grandes alterações e talvez por isso, ainda não haja aquele entendimento e entrosamento a que estamos habituados. É preciso ter calma... e não incendiar os protagonistas do espectáculo, durante e depois, com falta de desportivismo e de bom senso.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — As obras na parte central da Casa estão para terminar. Já se pintou a fachada do lado de fora da nossa Casa, falta pintar a fachada do recinto de dentro e o seu interior.

As obras no Lar de Coimbra também estão a correr em bom ritmo. Já se cimentou todo o chão, fizeram-se os bancos e bancadas e também se iniciou a construção de uma nova casa-de-banho. Os pedreiros são muito bons trabalhadores e rápidos no que fazem.

OFERTAS — Recebemos uma grande quantidade de sandes que vieram do Estádio Municipal de Coimbra. Não se venderam no concerto dos Rolling Stones. Depois das grandes estrelas vieram os grandes corações de alguém que desconhecemos, por ajudarem os mais necessitados, como nós e outras Instituições de caridade.

ESCOLA — As aulas retomaram o seu curso normal para todos os rapazes. Dos quatro mais pequeninos da nossa Casa, três estão a frequentar o primeiro ano, na nossa Escola, na companhia dos seus colegas mais velhos. Apenas o Igor continua a frequentar a creche.

RAPAZES — A nossa Casa recebeu mais três rapazes novos: o Luís Paulo, o Ricardo e o Bacar.

O Luís Paulo e o Ricardo são dois irmãos que vieram da Baixa da Banheira, perto de Setúbal. O Luís Paulo, sendo o mais velho, tem mais juízo e é mais calmo; ao contrário do irmão que é muito reguila e manhoso.

O Bacar, é um negrito vindo da Reboleira que gosta muito de brincar e passa o tempo todo a sorrir, pois tem sempre alguém que alinha nas suas brincadeiras: o Madi. Hão-de ser grandes amigos, no futuro.

Também saíram de nossa Casa dois rapazes: o João Carlos, o «Caixas» como era conhecido; e o Fernando Laudim. São ambos dos arredores de Lisboa. Deixaram-nos sem completarem o 5.º ano. Partem para perto da família sem saberem o que lhes vai acontecer.

Adriano

SETÚBAL

FUGITIVO — Um dos nossos rapazes, quando ia para a Escola, resolveu fugir. Certamente juntou-se a um grupo de colegas de fora, o que já tinha feito de outra vez. Esperamos que ele se arrependa e volte para Casa.

CATEQUESE — Já começou. As nossas catequistas, que se ofereceram para ajudar os

rapazes, são: a D. Selda, a Ana Teresa, a D. Alzira e a D. Genoveva. Também alguns rapazes vão ajudar as catequistas. No Lar de Setúbal será a D. Lina e o Jorge.

HORTA — A sementeira dos nabos já foi feita. A couve teve que levar uma química porque estava a ficar cheia de aranhaços. O «Beijana» e o «Alentejano» têm andado a cortar as silvas que havia ao fundo da horta.

CAMPO — Já começámos a semear a aveia, a cevada, a tremocilha e o azevém, que são as ervas de Inverno. O Amândio, o João Correia e o Fernando, são os tractoristas de serviço neste trabalho. Lá para Março já estarão boas para serem ceifadas e ensiladas.

OBRAS — Três rapazes andaram a pintar algumas paredes que estavam a precisar de restauro. É um trabalho que nunca acaba porque os rapazes sujaram muito e o tempo também.

Pedro Gomes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

OS NOSSOS CONVÍVIOS — Esta será, talvez, a última crónica com o título «Antigos Gaiatos de Malanje». Com pena o farei. Mas a alegria de associar mais irmãos ao nosso meio vai ser mais agradável e mais faterna.

Há vários anos que tentávamos a junção de todos os antigos gaiatos de África numa só assembleia. Este ano fomos felizes, graças ao apelo da última crónica, para festejar o 40.º aniversário da abertura das Casas do Gaiato, em Angola.

Ao congregarmos, no nosso ambiente, antigos gaiatos de Malanje, Benguela e Moçambique, vamos presentear mais a nossa alegria, e a fraternidade vai ser mais compensada. Continuamos a apostar na ajuda que os nossos Pais vão continuar a dar, agora para mais filhos.

Caminhamos de mãos dadas neste convívio, antigos gaiatos de Benguela e Malanje; numa simples reunião concordámos em mudar o nome dos nossos convívios para «Antigos Gaiatos de África»; estamos à espera que apareça alguém de Moçambique.

Não pedimos opinião ao nosso Padre Telmo, mas temos a convicção de que estará de acordo com esta nossa decisão, afinal todos nós somos filhos de Pai Américo e da Obra da Rua.

O nosso encontro anual já foi efectuado com a nova expressão (Antigos Gaiatos de África)... com tristeza, porque foram muitos anos com outra denominação; com alegria, por

termos conseguido mais fraternidade dentro de uma paternidade que todos comungamos.

Vai aparecer o novo título, neste Jornal e no mesmo dia. Agora, solicito a outros companheiros, de Benguela e de Moçambique, uma ajuda nas crónicas que se vão seguir. Era bom acontecer um novo «comunicador».

O meu muito obrigado pelo carinho recebido por todos os Pais da Rua e pelo Júlio Mendes; tenho a certeza que nos «Antigos Gaiatos de África» o carinho vai ser igual, sejam as crónicas realizadas pelo próprio ou por outro antigo gaiato.

Um abraço africano para todos.

Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Todos nós sabemos que somos filhos do mesmo e Único Senhor, o Criador do Universo. Portanto, temos as mesmas deficiências.

Também sabemos, que o poder de Deus é infinito em cada um de nós.

Desprezar o Pobre, é desprezar esse mesmo poder divino, que se encontra em todos os seres do mundo inteiro.

Esse poder divino, é o amor que existe em cada ser humano, portanto, em cada um de nós.

O amor ao Pobre, o amor ao marginalizado, ao perseguido, ou seja, a todo o que precisa de nós.

Foi este amor ao necessitado que levou Pai Américo a renunciar a tudo o que era faustoso. Foi esta a melhor maneira que ele encontrou para mostrar ao mundo a sua admiração por Deus. Trabalhando em Seu Nome, para os Pobres e como os Pobres.

Pai Américo sabia e sentia isso mesmo e escreveu no seu livro *O Barredo*: «Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres».

Nós somos apenas criaturas pobres! Tudo o que temos e desfrutamos, foi Deus que o pôs para nosso uso.

Nada é nosso. Até a própria vida não nos pertence.

E uma das maneiras que temos para agradecer ao Senhor, que tudo nos dá, é pôr tudo ao serviço do nosso irmão mais carenciado.

O nosso coração deve manter-se pobre. Apenas rico no desejo ao Senhor. O resto, tudo são riquezas falsas.

O Senhor diz-nos para nos livrarmos de tudo aquilo que é peso para nós. As malas carregadas de roupas, os baús apinhados de jóias, os cofres...

Só assim ficamos mais leves e teremos a nossa caminhada para o Céu mais facilitada.



Praticando o Bem

Continuação da página 1

Mesmo embaralhados, os adultos, vamos-nos situando; mas, as crianças e os adolescentes, a viver de tanta carência, como apreciarão estes desequilíbrios?

Não sei o que me deu! Uma repugnância medonha impelia-me a desligar o aparelho.

— Fechem a televisão — disse.

A senhora levanta-se da cama e, como que arrastada pelo mesmo nojo, arrancou abruptamente a ficha da parede dando assim naturalidade ao ambiente. As crianças mexiam-se de um lado para o outro, mastigando as bolachas, e a pobreza daquele lar já não era perturbada.

Podíamos, agora, falar mutuamente, ouvir e observar os pequeninos, embe-

becermo-nos uns com os outros!

A mãe desabafa: — *O meu mais velho já me ganhava algum, mas as Assistentes não deixam. Ele tem mais de catorze anos. Não faz nada na Escola. Dava serventia aos calceteiros, mas só às escondidas!*

As leis da modernidade em confronto com vidas, de séculos idos, de que tão poucos se apercebem. Assim, inconscientemente, se promove a exclusão social.

Cada vez mais aprecio ser pobre perante um mundo assim!

Padre Acílio

Confiança

Continuação da página 1

alma, da Vontade, irmã gémea da outra faculdade espiritual que é a Inteligência. O coração é um bem; mas, sozinho, é perigoso. A confiança de que falo, é uma postura do amor inteligente — e só assim autenticamente humana.

Outro ponto de conversa no dito encontro foi a frequência de Leitores de Pai Américo no escrito em caixa que, sob o título DOUTRINA, o faz presente em todas as edições d'O GAIATO, os quais, levados pela palavra lida, vão ao n.º 45 da Rua dos Clérigos e encontram fechado o antigo Depósito que nos serviu desde que a Obra se instalou no Porto até à hora do encerramento do saudosíssimo ESPELHO DA MODA. Tais Leitores não advertem que estes textos têm todos mais de quarenta e sete anos (tantos quantos nos separam da partida física de Pai Américo do meio de nós); e entretanto (como foi ao tempo noticiado) o nosso Depósito passou a ser a CASA DINA, em qualquer das lojas acima indicadas. Isto avisava um pequenino cartaz na montra do ESPELHO DA MODA, mas nem esse está já exposto.

Atenção, pois, Leitores amigos do que Pai Américo escreveu e se vai republicando. A doutrina é sempre válida; infelizmente, alguma ainda hoje tão oportuna como naquele tempo. Mas os Leitores têm que assumir de uma literalidade que nem sempre corresponde à realidade actual.

Padre Carlos

Punhamos os olhos na pobreza do Senhor, que veio ao mundo num estábulo, depois de Lhe ter sido negado um lugar na hospedaria. Mas foi ao estábulo que os Anjos do Céu desceram para O louvarem e glorificarem.

Essa hospedaria, negada ao Senhor, não será, hoje, o nosso coração? Será que nós Lhe continuamos a negar esse lugar, que por direito Lhe pertence?

Por isso, continuamos com medo de nos desfazermos de tudo quanto é mundano. Por isso, o Pobre continua mais pobre.

Pensemos a quantas misérias podemos remediar.

Lembre-mo-nos daqueles que, em vez de cama, têm uma sepultura, como dizia Pai Américo.

Não nos iludamos, e pensemos que ninguém é poeta da miséria, como alguém chamou a Pai Américo.

A vida de Deus em nós, é o amor aos nossos irmãos que carecem de nós.

Punhamos os nossos olhos na pobreza do Senhor e pensemos que, por muito pobres que sejamos, o seremos menos do que foi o Senhor no Presépio.

«Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres.»

Os nossos continuam à espera de quem se apaixonem por eles.

Olga e Valdemar

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

SER GAIATO — «Só nos romances é que a vida se torna cor-de-rosa. Nos policiais, as coisas podem correr mal no princípio, mas, no fim, o ladrão é sempre apanhado.»

Nas Casas do Gaiato, há uma vida cor-de-rosa para os rapazes, mas o esforço dos seus Padres para que tudo corra bem nem sempre é notado.

Ao passar em Setúbal para falar com o nosso Padre Júlio, encontrei-o preocupado com a matrícula dos rapazes nas respectivas Escolas e ainda mais apreensivo ficou quando um rapaz se feriu e teve de ir para o Centro de Saúde. Mesmo inquieto, não deixou de nos ouvir para que o nosso convívio tivesse o desenlace que teve.

Um gaiato é filho de Pai Américo e da Obra da Rua. Os nossos Padres não distinguem a Casa do Gaiato de origem de cada rapaz.

**«DESPEJAR» UMA DOU-
TRINA** — Foi há 40 anos que a Obra começou a despejar a doutrina de Pai Américo em África. Malanje e Benguela

deram início a mais uma grande aflição que aquele, a quem chamamos Pai, tanto ambicionava.

Aqui, os antigos gaiatos de África residentes em Portugal, também comemoraram este aniversário com alegria e sentimento fraterno: Pai Américo foi lembrado, as histórias de cada Casa do Gaiato não paravam; afinal, todos nós tínhamos passado pelas duas Casas, mesmo que em férias.

Padres Telmo, Manuel António, José Maria e Manuel Custódio foram lembrados. Quando falávamos na Irmã Quitéria, de Moçambique, o silêncio pedia mais uma oração e não um sorriso. Para ela a recuperação da sua saúde!... A mãe que está a fazer falta numa Casa que tanto carece de uma chave para os rapazes e populações vizinhas.

O NOSSO CONVÍVIO —

Foi na casa de férias da Casa do Gaiato de Setúbal, Portinho da Arrábida. Não fomos tantos quanto prevíamos, por saúde e por motivos profissionais, alguns faltaram; para compensar tivemos a presença, muito querida e muito desejada, de antigos gaiatos de Benguela e de mais um antigo gaiato de Malanje: o «Sabú».

De facto, as instalações são excelentes e as redondezas convidam a um passeio pela praia ou pela serra; ao pequeno-almoço não estávamos todos porque as incursões pelas redondezas eram convidativas, logo ao amanhecer e pela fresca.

De Benguela, a presença há muito desejada de alguns casais com a promessa de para o próximo ano serem mais; de Moçambique, ainda não brilharam, mas vamos conseguir que esse brilho seja uma realidade; a Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal, também esteve presente, a nosso convite.

É de salientar a ajuda dos antigos gaiatos de Benguela, na cozinha e nas limpezas. Como era a primeira vez que estavam presentes podiam muito bem escapar, mas, em vez disso, foram lavar loiça e fazer limpezas. No dia seguinte, recebi dois telefonemas de antigos gaiatos de Benguela para me informarem que já estavam com saudades e para não nos esquecermos de os avisar porque não querem faltar a nenhum encontro, que agora é de todos os antigos gaiatos de África.

O «Catete» foi o exemplo de como se consegue organizar um convívio com alegria; não parou um minuto de sexta-feira a Domingo, a pensar num bom pequeno-almoço para Domingo terminou de confeccionar uma canja às 4 horas da madrugada. Chefe, é chefe!...

«Estamos num hotel de qua-

tro estrelas», era assim que dizíamos quando alguém telefonava a saber como tudo estava a correr. Tivemos pena do Tavares, nunca falta, mas a saúde contrariou o anseio da sua presença, telefonou e desejou um bom encontro com um abraço fraterno e africano. O «Laranjinha» faltou por motivos profissionais, mesmo sendo um dos organizadores, foi bem substituído. O «Manelzinho», da África do Sul, chegou oito dias depois por dificuldades de transporte.

Na reunião foi salientado, mais uma vez, que estes encontros passam a ser considerados por «Antigos Gaiatos de África».

A MISSA — Este ano não antes pelo contrário, toda a gente esteve presente. Por exigência do «Catete», organizador do encontro, antes de se iniciar a Eucaristia rezámos dois Mistérios a Nossa Senhora; dizia que estávamos mal habituados e que já não rezávamos o Terço há muito anos.

Padre Júlio falou com carinho das nossas Casas em África, das dificuldades dos nossos Padres e da doença da Irmã Quitéria.

O Evangelho falava da Cruz e, por acaso, pouco antes, eu tinha solicitado a todos uma pequena contribuição simbólica para a Carianga ter um Cruzeiro, não para comprar o Cruzeiro, mas para lembrar a nossa comparência, com Cristo, nessa fazenda que é também Casa do Gaiato.

CRUZEIRO PARA A CARIANGA — Não sei quanto rendeu este pedido feito na Eucaristia. Recolhi o nosso contributo numa saca de plástico e entreguei ao Padre Júlio, que meteu no bolso também sem contar. Padre Júlio prometeu ir depositar na conta que a Casa do Gaiato de Malanje tem num Banco, em Setúbal, e que avisava Padre Telmo.

Já com o saco de plástico amarrado, com o dinheiro para entregar a Padre Júlio, apareceu uma criança a correr com uma moeda de um euro, disse: — *O senhor é que vai levar o dinheiro para a Cruz da «carianga»? Tome lá!...*

Passei minha mão pela cabeça da criança e expliquei que era para um Cruzeiro, para a Carianga, Malanje... Pediu-me para dizer ao Padre Telmo que era ele que tinha oferecido e começou logo a correr sem me dar tempo de saber o nome ou de quem era filho. As crianças, por vezes, ultrapassam os adultos... teria ido esta criança buscar esse euro ao dinheiro que os pais lhe tinham dado para comprar um gelado?!... Averigui e vim a saber que era neto do casal Fernando e Emília Dias.

DOUTRINA

Doutrina social



O nome da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo espalha-se. Os gaiatos da Casa levam-na aos quatro ventos. Eles vêm de fora à nossa porta, a pedir que os deixem entrar e ser da Comunidade. Foi então que se pensou em alargar a Obra da Rua; e a cidade do Porto foi escolhida, em hora muito feliz.

LEVANTOU-SE em Paço de Sousa o primeiro reduto de amor que dista vinte e cinco quilómetros da cidade. Quem pretende salvar a criança da rua, o primeiro passo que tem a dar, é justamente retirá-la das proximidades da rua. Começamos a construir a nossa Aldeia nos primeiros dias de Abril do ano passado. Já temos sete vivendas construídas. Casas de granito, sóbrias, esbeltas, cheias de luz, todas a falar português. Mas o plano geral da Aldeia inclui dezanove edifícios com escola, oficinas, enfermaria, capela, balneários e campos de jogos, sem falar na imensa quinta, onde temos já muitas vacas e bois e carneiros e porcos e galinhas e perus e coelhos e pombas — a mais sã companhia dos setenta gaiatos que já hoje somos.

O sistema de educar é precisamente o mesmo de Miranda do Corvo. De lá vieram, até, os primeiros mestres. Nós não queremos intermediários entre nós e os nossos pequenos. Quem quiser fazer monstros destas crianças, é colocá-las nas mãos de empregados sem inteligência nem preparação. A obra é deles, para eles, por eles. O nosso cuidado está em orientar os seus naturais chefes, saídos também da rua, que são justamente quem trata e cuida imediatamente da comunidade, dos pequeninos irmãos. O pequenino da rua posto assim à vontade, manifesta-se, possui-se, toma gosto pela vida, é feliz.

TEMOS um ano de vida em Paço de Sousa. Somos hoje setenta. A Aldeia tem capacidade para uma população de duzentos e cinquenta. A criança da rua não pode ser repudiada. Ela é nossa. É de cada um de nós. É um património da Nação.

EU pretendo que me ajude a furtar homens ao banco dos réus. Que me ajude a construir mais casas dentro dos muros da nossa Aldeia. Nós não pedimos esmola. Os nossos rapazes trabalham mais de oito horas por dia. Comemos o pão com o suor do nosso rosto. O trabalho não necessita de estender a mão a ninguém; é moeda forte; é a legítima defesa da miséria. Só queremos que ajude os nossos rapazes a construir depressa para assim poderem, eles mesmos, por si mesmos, salvar crianças da rua e edificar com os portugueses um Portugal melhor.

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

AGRADECIMENTOS — Ao Padre Júlio pela simpatia com que nos acolheu, a simplicidade das suas palavras e pelo pão oferecido. Sempre que tive de contactar com ele fui bem recebido, como um verdadeiro filho da Obra da Rua e sempre fui desafiado para apreciar as belas refeições de peixe que a Casa do Gaiato de Setúbal tem para os rapazes, e de que tanto gosto.

Ao Padre Acílio por ter dispensado uma viatura para deslocação dos rapazes do Norte. À D. Conceição pela preciosa ajuda e pelo aborrecimento que causámos na nossa estada. À Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal pelas bebidas

oferecidas e que nos faziam falta na última refeição.

PRÓXIMO CONVÍVIO — Não tem data marcada, mas talvez no primeiro ou segundo fim-de-semana de Setembro de 2004, em Coimbra. Claro que Padre João vai ter que dar a última palavra. Sabemos que ele vai atender ao nosso pedido. Os organizadores do próximo encontro são: o Zé Luiz «Bidé», de Benguela; Tomás e Octávio, de Malanje. Atenção antigos gaiatos de Malanje, Benguela e Moçambique, apareçam — estes encontros são de e para Antigos Gaiatos de África.

Manuel Fernandes

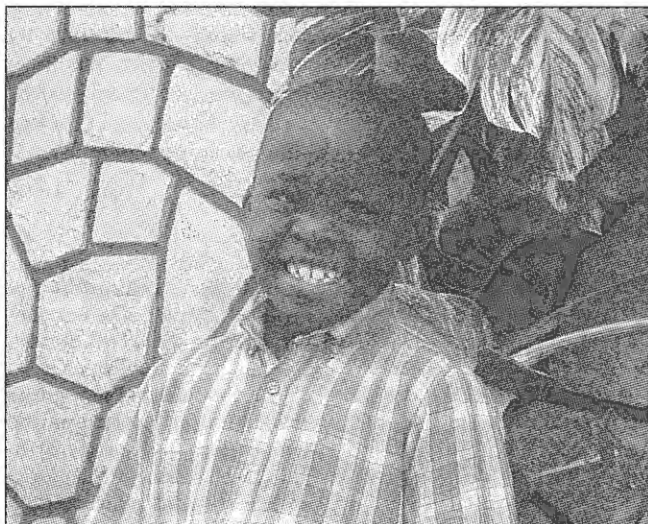
BENGUELA

Regresso às terras de origem

DESTA vez não consegui o que queria. No princípio do mês de Outubro, diante das cerca de duzentas famílias que andam ligadas à Casa do Gaiato, mais os filhos que as mulheres levam no ventre, às costas e pela mão, proclamei, bem alto, que pagava as passagens a todos os que quisessem regressar às suas Aldeias do interior, donde haviam saído por causa da guerra. Ninguém aceitou a proposta. Olhavam uns para os outros a sorrir e diziam: — Aqui temos casa, trabalho, comida, roupa, escola e remédios.

Vou esperar mais algum tempo. A solução ideal está no regresso das pessoas às suas terras de origem. Foram acolhidas no chão. Andam de cabeça erguida. Não quero que voltem ao chão donde foram levantadas. É preciso esperar. As condições de vida, lá onde nasceram os mais velhos, são muito más, ainda. Vivo da esperança de que, um dia, hão-de voltar felizes ao lugar que os viu nascer. Quanto mais depressa, melhor. Os hábitos novos criados pelos que vieram ainda crianças e pelos que nasceram aqui são um obstáculo a dificultar o regresso. A gente nova não voltará sem a garantia de condições melhores. Podemos dizer que é um desafio muito exigente ao Governo e às forças vivas da sociedade. A Igreja, mais uma vez, tem um papel decisivo pela sua grande influência na vida das comunidades.

Por outro lado, a preceção das pessoas que se valorizam no meio aonde viveram os anos passados pode ser uma mais-valia de muito significado para as terras do interior.



A Casa do Gaiato de Benguela tem filhos no norte, leste, centro e sul de Angola.

Pena é se levarem os valores humanos juntamente com os vícios. É o reverso da medalha que tem muito de bom, apesar de tudo.

Há algum tempo atrás, um dos meus rapazes, já crescido, decidiu voltar para a sua terra. É natural do planalto do

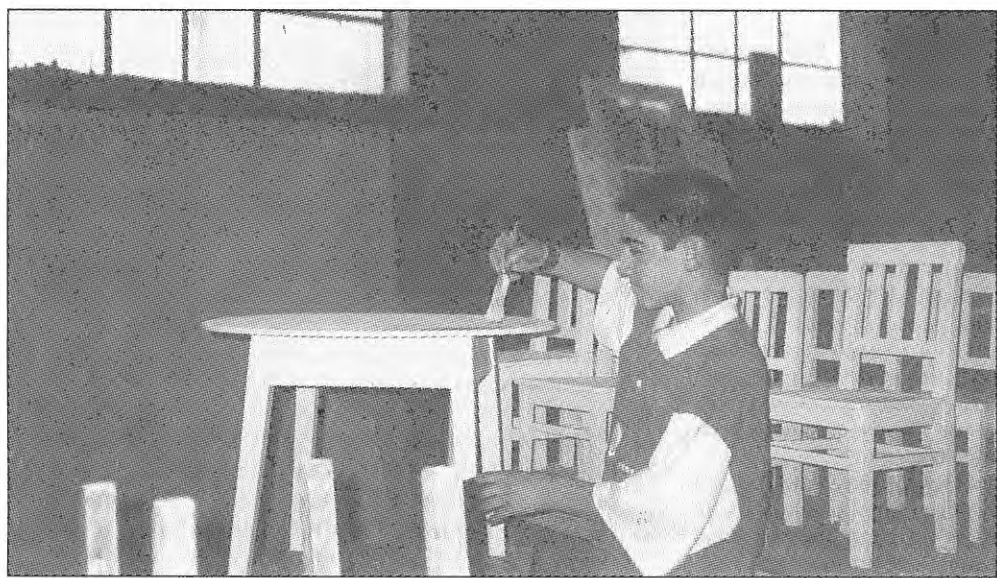
Huambo. Ia em busca dalgum da sua família que deixou por lá, sem saber bem onde. A Casa do Gaiato de Benguela tem filhos no norte, leste, centro, e sul de Angola. Fiquei contente. Contudo, a alegria durou poucos meses. Voltou ao lar que o criou, porque não encontrou nem família, nem condições mínimas para ficar. Aprende, neste momento, uma profissão para regressar, de novo, se quiser, e viver na sua terra ajudando-a a progredir com o seu saber. Quem nos dera esta dinâmica dê resultados: preparar gente para desenvolver as suas terras de origem. É um ideal.

Por isso, vejo com redobrada confiança os trabalhos da nossa serralharia e carpintaria. Quinhentas carteiras escolares fazem parte duma encomenda já em execução. É uma ajuda muito importante para a nossa Casa do Gaiato. Uma das gotas de água que dá vida à nossa vida nasce do nosso trabalho. Gota de água, digo! As outras bem o sabeis donde vêm.

Se alguns destes rapazes regressarem às suas terras com a bagagem adquirida poderão montar as suas mini-empresas e trabalhar num sector tão carente como é o da educação, no que toca ao material escolar, por exemplo. A Casa do Gaiato, na rectaguarda, tem os olhos postos na linha da frente formada pelos seus rapazes que desejam andar a sério. E anda com os que andam! Assim eles acolham a proposta.

Nesta linha de pensamento e actuação, é bom que as crianças do interior, em dificuldades, não venham para o litoral, para a Casa do Gaiato. Só em caso de extrema necessidade. Pedidos têm sido feitos e vou resistindo. A Igreja está lá. Os Padres e Irmãs estão lá. As autoridades civis, de igual modo. O lugar mais saudável para a criança é lá também. Ficamos mais para as crianças dos grandes centros urbanos, onde a rua e o anonimato são marcas a tirar.

Padre Manuel António



Acreditamos no potencial de cada rapaz.

TRIBUNA DE COIMBRA

Ano lectivo

ULTRAPASSADAS as normais preocupações de início, o ano lectivo já está rodando com relativa normalidade. Em Miranda do Corvo, dois grupos de estudantes: dezoto no 1.º ciclo e meia dúzia deles que este ano terminarão o 3.º ciclo de um currículo alternativo. Esperamos que o concluem sem grandes dificuldades. Os rapazes já se vão mentalizando que a Escola tem muita importância para a sua vida e para o seu futuro. Já é uma boa conquista na luta da vida.

Mas o Lar de Coimbra continua a ser o espaço normal de continuidade escolar para os rapazes. É uma opção que aumenta as nossas preocupações, encarece a nossa vida diária, mas também nos enche de esperança. Julgamos ser uma escolha vantajosa e de manter; apesar de termos, em Miranda do Corvo, condições escolares

apropriadas. A experiência adquirida, os hábitos de estudo dos rapazes e os resultados obtidos fortalecem a continuidade desta opção.

No presente ano lectivo são trinta e cinco rapazes, pequenos e grandes, que ali habitam desde Domingo, à noite, até sexta ou sábado, conforme a necessidade do estudo. Frequentam, diariamente, as escolas básicas do 2.º e 3.º ciclos, secundárias e profissionais, em Coimbra. Estamos perto deles, acompanhamos, confiamos, não andamos à espreita. A espreita deforma e conduz à duplicidade de comportamento. Acreditamos no potencial de cada rapaz, responsabilizamos, confiamos e rezamos com eles e por eles.

Depois de alguma confusão inicial, que é normal, respira-se, já, um ar de serenidade e de trabalho. No princípio do ano alertámos os mais novos para os perigos

que os rodeiam. As crianças e os jovens, em geral, estão hoje bem mais despertados para o mundo que os rodeia. Os perigos à sua volta são proporcionais aos sinais de prevenção. A experiência positiva dos mais velhos funciona como apoio e sinal.

Creio que temos razões para prever um ano escolar frutuoso, abençoado por Deus e apoiado pelos Amigos.

O aumento do número de rapazes obrigou-nos a criar um maior espaço de lazer e de descontração, tão necessários no exercício da actividade intelectual. Assim, estamos a adaptar o espaço que estava abandonado, na cave do Lar, para sala de jogos e outras diversões. Parece-nos um bom espaço, amplo e bem aproveitado. Fazia-nos jeito, logo que esteja pronto, uma mesa de ping-pong, talvez uma mesa de bilhar e outro mobiliário apropriado...

Pareceu-nos simpática a lembrança dos senhores da União de Coimbra, querendo que alguns dos nossos rapazes se integrem, conforme a idade e aptidão, na sua área desportiva e educativa. De ajuda também se trata a res-

SETÚBAL

Rosário de dificuldades

O telefone tocou. Do outro lado, uma voz feminina começa a desfiar o seu rosário de dificuldades; é o seu filho que foge à Escola, o motivo do telefonema.

Vive só com ele. Em cada novo dia, vai para o seu trabalho enquanto o rapaz segue em direcção da Escola. Só que não chega a entrar.

Precisa de uma casa que o receba e o acompanhe todo o dia.

São cada vez mais as crianças que vivem esta situação. Ao exclusivo cuidado, geralmente da mãe, sem qualquer acompanhamento durante o dia por um familiar, ficam lançados ao sabor das ocasiões em que a rua é propícia.

As separações e divórcios dentro dos casais, resultam, muitíssimas vezes, em desequilíbrios nas vidas dos progenitores e dos filhos, especialmente nos que ficam com o cuidado destes.

Nós não somos resposta para estas situações. Nós somos para os sem-família. Com eles formamos a nova família onde se acolhem e de que passam a fazer parte.

Nos casos antes citados, as mães, com toda a legitimidade e necessidade, querem-nos em todos os dias em que não saem para o emprego. Outros serão remédio para estas situações.

Mas, a agravar a vida insegura que nestes casos se experimenta, está a idade dos jovens: quando já entraram na adolescência, são como árvores difíceis de estacar. Alguma rigidez adquirida não lhes permite compreender, e portanto aceitar, propostas de vida mais simples, mais concernentes com uma vida mais humana, pessoal e social. Os hábitos de facilidade e de fuga às responsabilidades, tantas vezes permitida ou inculcada nos anos precedentes, torna muito difícil desviar o rumo da vida para caminhos de maior riqueza humana.

A sociedade sofrer-lhes-á as consequências. É toda uma mentalidade instalada na mesma sociedade, que favorece o surgir destas situações de semi-abandono. O multiplicar destes casos, vai com certeza piorar a qualidade das relações humanas experimentadas na vida em sociedade, por todos nós.

A vida adulterada de muitos casais destruídos, só pode trazer consigo o estagnar-se a vida dos filhos que entretanto geraram, e da própria sociedade em que vivem.

Francisco de Assis, recentemente lembrado, propõe-nos vivermos uma vida simples, humilde e pura. Bastava que se acentuasse o primeiro termo da generalidade das vidas para que o mundo fosse já novo e mais feliz.

Padre Júlio

posta do senhor presidente da Junta de Freguesia da Sé Nova ao nosso pedido de arranjo da Rua que vai da de Padre Américo ao nosso Lar e que poderá chamar-se travessa do Padre Américo. As pessoas terão melhor acesso ao nosso Lar.

Agrada-nos também poder continuar a contar com os universitários, da Casa de Estudantes da Beira, para a Catequese e outras actividades culturais e recreativas. Tem sido também apreciada a presença dos animadores do Grupo GEN e dos voluntários

explicadores das várias áreas curriculares. Reconhecidos estamos também ao Dr. Paulo José, psicólogo clínico que está sempre disponível para atender e ajudar, gratuitamente, os rapazes que sentem mais dificuldades no seu percurso de vida.

Esperamos que os Amigos e benfeitores nossos, de Coimbra, não se esqueçam de nós. Há sempre alguém no Lar para abrir a porta ou atender o 239712648, nosso telefone.

A admiração pelo Padre Américo, bem como o exercí-

cio da prática do bem tem aqui uma boa ocasião de ser concretizada. Não amemos com palavras, mas com obras.

No nosso Lar há sempre uma luz pequenina a lampear. Às vezes, passo a correr, entebro a porta e peço perdão pelo aceno fugaz que sai das minhas mãos: «Guarda-nos, Senhor!» Logo me lembro de Pai Américo: «Eles são mais Teus do que meus...» Ninguém duvida. Não duvides também! Eles são bem guardados. É o Senhor que por eles vela.

Padre João